



O PODER DAS RUAS: O #CONTRAOUMENTOTHE NO DEBATE ENTORNO DA REPRESENTATIVIDADE POLÍTICA

Sthênio de Sousa Everton¹

Resumo: O presente artigo visa constituir uma análise entorno da chamada “crise de representatividade” política, que se observa em diversos movimentos que aconteceram no início do século XXI. Neste sentido, ganha força a experiência de sujeitos que participaram dos protestos que ficaram conhecidos como #ContraoAumentoThe, ocorridos nos anos de 2011 e 2012, na cidade Teresina, capital do Estado do Piauí. Entre tantas nuances que perpassaram essas manifestações, uma suposta autonomia dos manifestantes em relação a históricos movimentos sociais de esquerda ganha força nos relatos orais desses sujeitos. Utilizando novas formas de organização e ações de protesto esses jovens empreenderam um diferente modelo de atuação nas ruas. Nesse sentido, ganha força a experiência de sujeitos que participaram dos protestos e que experimentaram múltiplas formas de organizações, sejam elas consideradas tradicionais ou novas. Além de entrevistas, utilizamos como fonte jornais impressos, fontes oficiais, tendo como principais referências teóricas Alessandri Portelli (2005) Verena Alberti (2004), Ermínia Maricato (2015), Rioux (1999).

Palavras-chave: História. #ContraoAumentoThe. Manifestações. Teresina.

INTRODUÇÃO

No final de Agosto e começo de setembro de 2011, e janeiro de 2012, a cidade de Teresina foi marcada por uma série de protestos que ficaram conhecidos como “#ContraoAumentoThe”. A denominação indicada pela *hashtag* que identificou esses protestos nas mídias de comunicação social é carregada de simbolismos que nos permitem perceber um pouco as reivindicações desses protestos. Primeiro tratou-se de um movimento que inovou no cenário local por ser organizado fora de uma esfera clássica de mobilização social. Antes de tudo o contra o aumento foram protestos que tiveram uma mobilização via redes sociais, uma característica inovadora, que por um momento lhe permitiu “escapar” do controle estatal.

Em segundo lugar, o final da frase, remetendo a uma abreviatura de Teresina (THE), significa que estes foram os protestos de Teresina, porém que não aconteceram somente em

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Piauí, mestrando em História no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. E-mail: Sdesousa21@gmail.com . Bolsista CAPES.



solo piauiense, mas que tiveram em outras lugares. Como pretendemos debater, o contra o aumento de Teresina tratou-se de um episódio que também aconteceu em diversos outros lugares, e não só no Brasil, mas em outros lugares do mundo, fazendo parte portanto, de um movimento internacional que contestou sistemas sociais, regimes políticos e o próprio viver nas cidades. Do nordeste brasileiro a praça *Tahrir* no Egito², da Avenida *Wall Street* em Nova York, aos indignados da Espanha. Entre 2008 e 2013 o mundo viveu uma primeira onda de levantes populares. (HARVEY, 2014).

Esses protestos mais do que mero acontecimentos esporádicos de revolta popular, marcaram o cenário contemporâneo do mundo, desde reivindicações mais diretas, - diminuição do preço das passagens de ônibus - , até mudanças estruturais do modo de vida da sociedade de um modo geral, como reivindicou o movimento “*Ocuppy Wall Street*”³. Vivemos na Era da informação (CASTELLS, 1999), onde os Estados Nações estão em plena dissolução e as novas formas de organização baseadas nas Tecnologias de Informação moldam, e são moldadas pelas sociedades, de modo que nesse novo paradigma, as formas de luta sociais também se alteraram.

A partir disso, compreendemos a importância que a História, enquanto disciplina científica, possui no desenvolvimento de estudos que busquem, assim como outras áreas do saber, constituir um conhecimento a respeito desses “novos” tempos. Sabemos que o saber histórico é diuturnamente confundido com o próprio passado, fazendo com que muitos entendam que o presente não pode ser objeto, ou mesmo período de estudos dos historiadores. No entanto, esse posicionamento historiográfico, de acreditar que História só tem no passado distante seu objeto, não pode se tornar um estatuto condenatório que tolha a História a uma certa periodização fechada para as análises dos historiadores. Antes de tudo, a História é um campo de possibilidades (BARROS, 2004).

Essa visão historiográfica que compreende a História como apenas o estudo do passado distante, também é uma construção histórica (FERREIRA, 2000), que teve um

2 Em janeiro de 2011, articulando-se via redes sociais, milhares de egípcios saíram nas ruas do Cairo, capital do Egito, e ocuparam a praça *Tahrir*, reivindicando a saída do ditador Hosni Mubarak, que cairia antes de Fevereiro. Para saber mais ver: NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Declaração: Isto não é um Manifesto*. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

3 Em Setembro de 2011, centenas de pessoas começaram a ocupar o *Zuccoti Park* em Nova York com suas barracas de acampamento, reivindicando o fim da “tirania financeira” simbolizada na figura de *Wall Street*. Para saber mais: HARVEY, David. *Ocuppy: Movimento de protestos que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo: Carta maior, 2012

início e que, portanto, também pode ter fim. Porém, é nítido que essa visão é a predominante entre a comunidade historiográfica, a ponto de ser cristalizada por muitos como uma verdade absoluta, pertencente ao próprio “DNA” do saber histórico, e assim inerente ao seu fazer. Nesse trabalho porém, partimos de uma outra concepção, a que o passado distante não é uma “prisão” que encerra o saber histórico temporalmente.

Antes de tudo, História também é o presente. O presente dos homens e mulheres, o presente das sociedades, o presente da cultura e da política, o presente das religiões e o presente das dinâmicas dos mundos do trabalho. A História só tem razão e significado para as sociedades que a tecem naquele momento, e é para ele, que sua produção se volta. Não compreendemos a História como um saber que seja atemporal. Pelo contrário, o presente é que constrói a História, e o passado nessa perspectiva, é uma ponte, um arco que construímos na nossa busca incessante de compreender o presente. Por mais fugaz, volátil ou movediço que seja, é o presente por fim, o nosso objetivo, e é ele que molda as nossas escritas.

Tanto é assim que se tornou uma prática entre os historiadores identificarem incessantemente diversas “escolas historiográficas” ao longo dos séculos, como se tratasse de um movimento intelectual fora do tempo, ou do seu meio social. Na verdade, quando observamos as mudanças que a estrita historiográfica sofreu ao longo dos tempos, podemos observar sua estreita relação com o presente de cada “escola”. Como apartar a tão homenageada Escola dos *Annales* e seu enfoque econômico e social em detrimento do político, das famigeradas guerras e conflitos que destruíram a Europa? Ou como separar as análises ligadas ao micro social, a pluralidade de objetos estudados, das lutas engendradas pelas minorias sociais que despontavam com suas reivindicações desde a segunda metade do século XX?

Como afirma Jean Pierre Rioux, é a própria sociedade que impulsiona o historiador a elencar o presente como sendo uma possibilidade de seu ofício, é ela, “que lhe sugere não tropeçar diante do obstáculo da proximidade e até mesmo utilizá-lo para melhor saltar” (RIOUX, 1999, p. 42). Assim, como nos sugere o autor francês, usamos a proximidade temporal com os protestos do Contra o aumento, como ponte para “saltar” e tentarmos a tortuosa, porém ansiada, tarefa de analisar seu impacto na vida urbana e política da cidade de Teresina.

De forma mais resumida neste presente trabalho, trataremos de perceber o impacto da experiência dessas manifestações na configuração de uma nova forma de representatividade política, em que as clássicas lideranças das esquerdas, perderam espaço no embate político das ruas, ocasionando novas formas de expressão política. Essa afirmação tornou-se mais clara quando no ano de 2013 eclodiram pelas principais cidades do país diversas manifestações que ficaram conhecidas como “jornadas de junho”. Iniciadas por movimentos claramente de esquerdas como o Movimento Passe livre - MPL, esses protestos logo foram tomados por uma massa de indivíduos que recusaram essas lideranças e posteriormente expressariam uma postura quase que fascista.

OS PROTESTOS DO #CONTRAOUMENTO: PARTIDÁRIOS X INDIGNADOS

Em geral, manifestações populares como as do #ContraoAumento e as “jornadas de junho” eram monopólio exclusivo de grupos políticos de esquerda, principalmente após a redemocratização na década de 1980, que viam naquelas uma possibilidade de demonstração de força política, capaz de abrir “portas para o diálogo” com as autoridades constituídas, na busca de suas pautas. Porém, essa foi uma realidade que se alterou no começo do presente século, movimento este que podemos perceber no chamado “ciclo de lutas” iniciados após a crise do capitalismo de 2008.

Nesse sentido, os estudos de David Harvey, de Michael Hardt e de Antonio Negri, despontam como possibilidades de entendimento dessa nova conjuntura. As estruturas sociais e políticas do mundo foram abaladas em 2011 quando milhares de pessoas saíram da sua rotina e empreenderam gigantes ocupações, reivindicando desde questões objetivas – como a saída de regimes ditatoriais em diversos países árabes – a questões mais complexas, como aquelas levantadas pelo movimento *occupy Wall Street*, que reivindicaram uma nova forma de sociedade, criticando de forma direta a financeirização do capitalismo. Abordando os movimentos de 2011, Hardt e Negri apontaram um novo ciclo de lutas “que mudou o terreno do debate político e abriu novas perspectivas de ação política” (2014, p.10) no decorrer daquele ano.

Em Teresina (PI) não foi diferente. A força das redes sociais na convocação de



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE
2017
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC

protestos, não parou por aí, mas serviu como contraponto ao discurso criminalizante dos grandes veículos de comunicação local, que diariamente chamavam os manifestantes de arruaceiros. A indignação com o aumento da tarifa de ônibus, e a quebra do monopólio da representação política das esquerdas, foram fundamentais para a adesão de mais sujeitos aos protestos. Não se viu só sindicatos, coletivos, ou juventude de partidos de esquerda, mas também “desfilaram” grupos de *punks*, apartidários, secundaristas, etc. que posteriormente ficariam conhecidos como “Os Independentes”

Organizar protestos, mobilizar grupos e comandar manifestações, historicamente são uma das principais armas políticas de grupos políticos de esquerda, que acreditam na mobilização popular como forma de pressionar os poderes constituintes em pautas de interesse coletivo. Em Teresina, a questão do aumento da tarifa de ônibus, desde a redemocratização brasileira, teve em entidades estudantis ligadas a coletivos de esquerda, suas principais unidades de mobilização. Quase anualmente a prefeitura aumentara os preços, provocando indignação popular, uma vez que as pessoas não vinham no sistema de transporte um aumento da qualidade dos serviços que acompanhasse o aumento da passagem de ônibus.

Mas os problemas não eram somente com o preço cobrado pelas empresas de ônibus, o serviço oferecido estava a quem das necessidades da população. Em janeiro de 1995 moradores da comunidade Vila Costa Rica, localizada na zona sul da capital, bloquearam uma avenida em protesto pela mudança do percurso dos ônibus que atendiam aquelas comunidades. Em entrevista ao jornal Meio Norte, a presidente da Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários (FAMCC-PI), Lucineide Barros, declarou que,

A cidade de Teresina hoje está péssima, por conta de um sistema deficiente que não tem ônibus pra atender a população. Os ônibus estão velhos, sucateados e ainda padecemos principalmente, pela falta de condições da superintendência de fiscalizar o sistema. A superintendência tem sempre se colocado do lado dos empresários. (MEIO NORTE... 01 jan. 1995, p. 10)

Desse modo, os problemas decorrentes dos serviços de transportes coletivos por ônibus de Teresina não são novos, muito pelo contrário, este veio historicamente se constituindo como um serviço mal visto pela população em geral, que sem condições de ter



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE
2017
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC

um transporte particular, dependem dos ônibus para todos os seus deslocamentos pela cidade, seja para trabalhar, estudar, em busca de lazer ou outras necessidade inerentes a vida em sociedade.

Tal indignação transbordou nos protestos em 2011 e 2012, de tal forma que nem mesmo o histórico comando dos grupos de esquerda resistiram a tal conjuntura. Os protestos do #ContraoAumentoThe foram manifestações populares que aconteceram em Teresina, capital do Piauí, entre os meses de agosto e setembro de 2011 e janeiro de 2012. Esses protestos iniciaram-se após a prefeitura decretar mais uma vez o reajuste da tarifa de ônibus, do valor de R\$1,90 centavos para R\$2,10 centavos. Seriam os vinte centavos mais caros para uma gestão municipal em Teresina.

Os protestos foram puxados primeiramente pelo Fórum Estadual em Defesa do Transporte Público do Piauí, entidade que reunia diversos outras entidades populares que reivindicavam melhorias no sistema de transporte no Estado e em especial na capital. Utilizando-se das redes sociais, o fórum rapidamente ganhou adeptos, e os jornais estampavam em suas capas, dias antes, a forte adesão de pessoas na internet. Porém como veremos a seguir, rapidamente o “protagonismo” do Fórum, rapidamente daria lugar a uma pluralidade de novas lideranças que, apesar de não aparecer nos jornais, endogenamente detinham grande parte das ações nos protestos do #ContraoAumentoThe.

Os grupos políticos perfilaram nas ruas, davam depoimento dia após dia na imprensa, buscando se mostrarem como representantes do movimento, líderes daquelas massas, porém quando analisamos as práticas empreendidas pelos manifestantes, quando nos permitimos analisar as vozes de muitos que participaram dos protestos, vemos que essa liderança na verdade, era algo mais simbólico, aparente, do que real. Não que os grupos políticos organizados de esquerda não tivessem força, porém sua representatividade política junto a totalidade dos manifestantes não era total. Pelo contrário, eles tiveram que disputar dia-a-dia essa liderança.

Desse modo, as entrevistas de história oral nos permitiu perceber como internamente esses manifestantes se organizaram, além de nos possibilitar entender como os protestos do contra o aumento de Teresina, foi um dos primeiros no Brasil a rejeitar um comando central, que tomava todas as decisões. Todos marchavam juntos, porém na prática agiam de formas diferentes, dando ao protestos uma singularidade de práticas que a



primeira vista, impediu o Estado de responder adequadamente. Era a hora dos “sem partidos”.

No primeiro dia dos protestos, dia 29 de Agosto de 2011, os manifestantes seguiram pelas principais ruas da cidade, em passeata até a frente da prefeitura, por volta do meio dia, e intensas palavras de ordem, os organizadores do movimento deram por encerrado os protestos, convocando as manifestações para somente a quinta-feira, porém

Chegou em frente a prefeitura, palavras de ordem, na hora o pessoal do que tava com o carro de som, que era o pessoal dos partidos quiseram dispersar ali o movimento, no entanto, o grupo dos independentes chegou, pegou o microfone, uma pessoa pegou o microfone e disse para... que ali o movimento não podia acabar ali naquela coisa, porque seria gratuito, seria ter caminhado feito besta, de graça como todo ano faz, nunca muda nada. E muita gente que estava ali concordou e essa pessoa sugeriu ir até a... o setut, e invadir o setut e daquela invasão do setut foi que realmente começou a movimentação do Contra o aumento (TORRES, 2016, p.02).

Agostinho Rodrigues Torres, foi um dos jovens universitários que participaram daqueles protestos, e quem guarda no seu relato de memória, uma visão singular para aqueles protestos. Em sua fala, alguns pontos se sobressaem de imediato. Primeiro ele decididamente heterogeneiza o movimento, diferente dos jornais da capital, que dia a dia pintavam os manifestantes apenas como um único grupo de “baderneiros a serviço de partidos de esquerda”. Então temos o primeiro ponto em sua narrativa, a clivagem entre o “pessoal dos partidos” e os “independentes”.

Assim, percebemos que nos protestos diversos grupos atuaram, o que significa em primeiro lugar, práticas, ações diferentes. Em segundo, a fala de Agostinho revela um ressentimento com o modelo de manifestações feitas por grupos de esquerda, uma vez que ele diz que, para eles, caminhar pelas ruas, e falar palavras de ordem em frente da prefeitura se trata de uma ação que não foi capaz de sensibilizar o Estado na resolução dos problemas. Quando um grupo decidiu encerrar o protesto, e outro seguiu com as manifestações, então se criou uma separação entre “eles” e “nós”.

Esse episódio no entanto, praticamente não aparece no relato de um dos manifestantes ligados a partidos de esquerda, e que participava do Fórum de defesa do transporte público. Segundo Rafael Veloso Freitas,



Eu acho que até a quarta-feira o fórum conseguiu coordenar os atos né? Conseguiu ter uma, um controle da... de como é que ia o caminho, o trajeto, o que que ia fazer, todas, é a gente sempre planejava... lógico a gente nunca sabia no que ia dar né? Mas todo dia a gente tinha, fechava ali a manifestação que a gente ia se reunir a gente planejava o outro dia, qual era o percurso que nós íamos fazer, qual era o objetivo e tudo mais. Até a quarta-feira eu acho que a gente conseguiu cumprir isso, conseguiu organizar direitinho, na quinta-feira, depois que, a gente, no começo tava tranquilo, da concentração que a gente desceu pra prefeitura e que teve a reunião (FREITAS, 2015, p. 02).

No seu relato, o Fórum ganha o aspecto de liderança central das manifestações, uma vez que controlou os atos pelo menos nos três primeiros dias. Porém o Fórum, como relata o Jornal O Dia, após o primeiro dia de protestos, só convocou novamente protestos para três dias depois. E mesmo assim, na terça e na quarta-feira houve protestos convocados via redes sociais por diversas pessoas, que não estavam alinhadas com o Fórum. Desse modo, o #ContraoAumentoThe na verdade, tornou-se uma disputa de grupos políticos. Mas porque Agostinho destaca o fato dos protestos terem continuado na segunda-feira, apesar do Fórum ter encerrado o ato, e Rafael Veloso Freitas nem se quer cita tal momento?

No relato de memória de Rafael Veloso esse fato não ganha o aspecto de relevante, uma vez que ele significaria perda de protagonismo por parte dos coletivos de esquerda que ele fazia parte. O seu esquecimento dessa forma, nos esclarece como “[...] o processo de construção de memórias implica escolhas entre os fatos do passado que, por alguma razão, determinado grupo considera que devam ser lembrados/rememorados; e, ao fazer escolhas, o grupo também sublima, oculta ou esquece outros fatos” (MOTTA, 2012, p.27).

Já para Agostinho Torres, foi ali, por volta do meio dia da segunda-feira dia 29 de Agosto que realmente os protestos começaram. Mais do que isso, foi ali onde as esquerdas que tradicionalmente comandavam esse tipo de ação popular perderam sua representação junto as massas de manifestantes. Quando elas decidiram encerrar o ato, e se retirar de cena, um vácuo político foi criado, e outros atores entraram em cena. A partir dali não tinha mais carro de som, organização, atos pensados previamente. O imprevisto da ação de pessoas aleatórias que decidiram seguir com a manifestação semeou uma ruptura na representação política.



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE
2017
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC

Os “sem partidos” ou independentes, seguiram em frente e conseguiram certa mobilização, ao ponto de eles, via redes sociais, marcarem novos protestos para a terça-feira, diferente da vontade do Fórum, que decidira só voltar se manifestar na quinta-feira. Desse modo, o ressentimento por terem sido de certa forma, “abandonados” pelo “pessoal dos partidos” fez com que os grupos independentes criassem sua autorreferência política, independente da burocracia e organização dos membros de coletivos e organizações sociais e partidárias. A partir daquele momento, o #ContraoAumentoThe passara a ser um campo de disputas políticas, onde apesar dos partidos, coletivos e principalmente do Fórum perante a mídia seguirem como líderes dos protestos, na prática eles tinham que disputar essa liderança com outras figuras, totalmente desconhecidas, em geral estudantes avulsos.

Ao constituir de um lado o pessoal dos partidos e de outro os independentes, Torres elencou para estes últimos, o papel de protagonistas nas manifestações, o que para ele significou justamente uma das “novas” características que fizeram os protestos alcançarem o êxito, e como devia de ser, era deste grupo que ele fazia parte nos protestos. Esse foi sem dúvida o mito fundador do #ContraoAumentoThe para os “independentes”, ou seja: a crença num movimento heterogêneo, sem comandos centrais onde jovens de formas múltiplas constituíram uma manifestação sem precedentes na história de Teresina.

Não se trata , cabe ressaltar, ao chamarmos isso de “mito fundador” de querer colori-lo como sendo um falso enunciado, pois precisamos entender que cada narrativa, cada apreensão da realidade tem um nexos com os fatos reais do passado. Como nos ensina Portelli, “um mito não é uma narrativa unívoca, mas uma matriz de significados, uma trama de oposições: depende, em última análise, de o individual ser ou não percebido como representativo do todo, ou como uma alternativa para o todo” (PORTELLI, 1996: p.123).

Além de separar os participantes em vários grupos, entre “o pessoal dos partidos” e os “independentes”, o entrevistado constrói outra fragmentação na sua narrativa. O #ContraoAumentoThe não só foi uma série manifestações onde vários grupos agiram de forma descentralizada, como também essa característica foi vista como nova forma de ação direta, diferente dos modelos anteriores de manifestações. Para Torres, seu grupo entendia que eles não poderiam “marchar” até a prefeitura e dispersar depois das palavras de ordem, seria “caminhada gratuita”, como “todo ano faz” e “nunca acontece nada”.

Assim, o entrevistado cela um novo agir das manifestações em Teresina que



emergiu nas práticas do movimento conhecido como #ContraoAumentoThe. Ao narrar o início das manifestações, este acaba por desenhar o que seria um modelo tradicional de manifestações em Teresina. Para ele os manifestantes seguiam um *script* “Era a manifestação que sempre tem que realmente foi puxado pelo PSTU. Sempre tem aquela manifestação que você vai lá, no... digamos na Frei, anda até a prefeitura, reclama com o prefeito e fala lá um monte de coisas e dispersa” (TORRES, 2016: p. 02).

Desse modo, eles inauguram na trama uma nova prática. Em vez de caminhar, a imobilização, ao invés do diálogo com as autoridades constituídas, a desobediência civil. Analisando alguns desses movimentos que aconteceram em 2011, os sociólogos Michael Hardt e Antonio Negri, destacam que “naturalmente, esses movimentos compartilharam diversas características; a mais óbvia delas é a estratégia de acampamento ou de ocupação” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 11). assim o #ContraoAumentoThe de 2011 se inseriu nessa novo ciclo de lutas que aconteceram pelo mundo, cada um com pautas específicas, porém ao mesmo tempo pautas que ao serem analisadas de forma mais séria, tem muito em comum.

Além do início dos protestos revelarem essa cisão entre o “pessoal dos partidos” e os “Independentes”, o término dos protestos em 2012, se tornou nas narrativas orais, ponto importante de análise para compreendermos essa perda da representatividade política por parte dos grupos tradicionais de esquerda. Um acontecimento marcaria o fim dos protestos em ambas as narrativas, porém com consequências totalmente distintas. No dia dez de janeiro de 2012, um forte efetivo policial reprimiu de forma violenta as manifestações, ocasionando uma série de manifestantes feridos, presos. Aquele dia, seria conhecido como “O Dia do Massacre”.

Na sua narrativa, Rafael Veloso Freitas, entende que aquele episódio deu um ânimo para as manifestações, uma vez que em sua leitura, a população condenou a forte repressão, apoiando os manifestantes. Para ele foi a rotina dos protestos, o cansaço natural, a perda de foco ou a desmobilização, as principais culpadas pelo fim dos protestos:

Eu particularmente achava que as manifestações já estavam morrendo, dentro desse período de férias, nesse contexto de não ter muita mobilização, conseguir mobilizar muito, e esse evento, essa atividade que teve, esse acontecimento.. é deu um gás pra continuar, a gente foi até o final de janeiro nessa coisa, nessa, nessa discussão, nessa... conseguir manter esses atos né? (FREITAS, 2016, p.15).

Já para Agostinho Torres, esse evento ganhou um outro significado, uma vez que ele responsabiliza “O Dia do Massacre” como o episódio de chave de desmobilização popular. Para ele, o medo ocasionado por tal repressão, afastou os “independentes”, das ruas. Os secundaristas, que detinham grande participação nos atos, foram afastados das ruas pelas suas famílias, com medo também que estes acabassem mutilados ou presos, como alguns que foram vítimas nos protestos.

E aquilo ali assustou muitas pessoas porque o que aconteceu não foi um simples... é conflito dos manifestantes contra a polícia. Teve um dia lá que a polícia puxava as meninas pelo cabelo, jogava bomba mesmo, muita bomba pra todos os lados, tiro de borracha atingiu muita gente. E isso assustou muita gente, isso foi o ápice da violência policial. [...] E depois daquele dia, que o pessoal chama de “O Massacre de 2012” né? Depois daquele dia, ninguém teve mais coragem nem de ir pra rua, muitas poucas pessoas. Por mais violento que seja, por mais forte que seja, as pessoas não conseguiam se indignar como o primeiro, porque não parecia só um conflito com a polícia, parecia realmente que eles estavam disposto a prender e a machucar quem participasse daquilo ali e gerou muito medo, os pais mesmo não deixaram as pessoas ir. Enquanto que no primeiro os pais incentivavam as pessoas a ir pra aquilo ali. (TORRES, 2016, p.17).

Desse modo, as narrativas em destaque colorem o mesmo acontecimento de formas opostas, dando-lhe ora, o martírio coletivo responsável por fortalecer os protestos, ora responsabilizando-o como o episódio final daqueles dias. Dessa forma percebemos como ambas as narrativas se constroem na tentativa de fortalecer ambos os enredos. Como explica Portelli,

As representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem (PORTELLI, 2006p.111).

De um lado, o episódio em questão é usado como mais uma demonstração de força, organização necessária das entidades de esquerda, que prontamente agiram na tentativa de ajudar os manifestantes. De outro lado, esse acontecimento surge como o capítulo final do



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC

2017

enredo dos indignados que se viram ali como um guerreiro que capitulou diante do seu algoz mais forte. Para Torres, a partir do dia do massacre, os independentes se retiraram das ruas, não suportando o peso da repressão e a força do “pessoal dos partidos”. Seu enredo ganha veracidade quando observamos nos jornais que a partir desse dia as manifestações não apresentaram mais confrontos policiais, nem depredações, muito menos acampamentos. As manifestações voltaram ao *script* tradicional, encerrando-se dias depois sem nenhuma pauta atendida pela prefeitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo ficou perceptível como os protestos conhecidos como o #ContraoAumentoThe forjou na sua experiência uma quebra da representatividade política das organizações de esquerda, como tradicionalmente lideranças dessas movimentações populares. Congregando diversas entidades, mas também sujeitos múltiplos que não eram simpatizantes de nenhuma organização política institucional, os protestos de 2011 e 2012 que ocorreram em Teresina, devido ao reajuste da tarifa de ônibus, foram um dos momento-chave onde podemos perceber a mudança no perfil dos manifestantes que foram para as ruas no começo do século vinte e um no Brasil.

Apesar de 2013 ser o ano reconhecido como sendo o momento onde os “apartidários”, ou “indignados” tomaram as ruas, foi nos anos anteriores, que podemos observar o nascimento dessa característica. Impulsionados pelas redes sociais, onde qualquer um tem acesso a organização desses protestos, esses sujeitos transformaram o perfil dos manifestantes de rua, alterando assim também, o comportamento e a experiência desses sujeitos.

Assim, o relato de Agostinho Torres, surge como fonte, atestado, dessa nova relação representativa apontada por Doimo, entre outros, de um cenário onde as representações tradicionais não possuem tantas forças, onde as vanguardas de esquerda perdem terreno para uma base volátil, diversa e autorrepresentativa. Desse modo, esse modelo que se apresenta em movimentos desde as últimas décadas do século XXI, se repete também em outras situações, apontando para um movimento universalista, um movimento que não pode ser delimitado temporal e espacialmente. Estas características – como ocupar as ruas – do #ContraoAumentoThe o inserem no ciclo de lutas que varreram o mundo no ano de 2011, apesar de suas pautas diversas e localizadas.



Nesse contexto os relatos de memória apresentados, evidenciam aquilo que Portelli chama de memória dividida. Ou seja, em geral não existem apenas relatos de uma memória oficial e uma memória popular, “na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas” (PORTELLI, 2006, p. 106). Assim dentro da memória dos manifestantes que participaram do #ContraoAumentoThe, encontramos uma multiplicidade de relatos, capaz de colorir-lo de singularidade e pluralidade de fatos, representações e relatos. Além disso, fica perceptível como os sujeitos em suas experiências constroem novas práticas e maneiras de se relacionar, capaz inclusive de romper com o modelo tradicional de representação política nesse tipo de evento.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2016. 17ªEd.

ESTUDANTES planejam novas manifestações para hoje. **O Dia**, 30 ago, 2011, p. 01.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, no 3, p.111-124, maio/jun., 2000. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/517.pdf>, Acesso em: 10/05/2016.

FREITAS, Rafael Veloso. O #ContraoAumentoThe de 2011 e 2012. Teresina, Universidade Federal do Piauí, 19 de Dez. 2016. Entrevista cedida a Sthênio de Sousa Everton.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: Do Direito à Cidade à Revolução Urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MARICATO, Ermínia. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Declaração – Isto Não É Um Manifesto**. São Paulo: N-1 Edições, 2014. OMISSÃO entrega Teresina ao Caos. **O Dia**, 01 set, 2011, p. 01. PASSAGEM volta a R\$ 1,90 e planilha será auditada. **O Dia**, 02 set, 2011, p. 02.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.

PROTESTO vira vandalismo e depredação. **Meio Norte**, 30 ago. 2011, p.A1.

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se Fazer uma história do Presente? In: CHAVEAU, Angès; TÉTART, Philippe (Orgs.). **Questões Para a História do Presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.



TERESINA amanhece com tarifa de ônibus a R\$ 2,10. **O Dia**, 27 ago, 2011, p. 01.

TORRES, Agostinho Rodrigues. O #ContraoAumentoThe de 2011 e 2012. Teresina, Universidade Federal do Piauí, 23 de Nov. de 2016. Entrevista concedida a Sthênio de Sousa Everton.